

A leitura de textos verbo-visuais em sala de aula

Kátia Maria Capucci Fabri¹ FAZU/UFU

RESUMO Este estudo pretende analisar textos verbo-visuais, especificamente três charges, a partir da base teórica da Análise do Discurso de linha francesa. A leitura será vista como atribuição de sentidos e o texto como unidade de significação, considerando as suas condições de produção. Ainda para este estudo, discurso é concebido como atividade de interação que implica a língua e sua exterioridade: o histórico, o social e o ideológico. Consideramos essas concepções fundamentais e necessárias, pois elas poderão definir o perfil do professor responsável por estabelecer o ensino aprendizagem da língua portuguesa.

ABSTRACT This research intends to analyse verbal-visual texts, three charges specifically, from the theoretical basis of the French line of Discourse Analysis. Reading will be seen as an attribution of senses and the text as a signification unit, considering its production conditions. Still to this study, the discourse is conceived as an interaction activity that implies the language in its exteriority: historical, social and ideological. These conceptions are considered as fundamental and necessary, because they may define the profile of the teacher responsible for establishing the teaching and learning of the Portuguese language.

1. Introdução

Este estudo pretende analisar três charges, na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa e também observar as condições de produção deste gênero textual, compreendendo-o. Finalmente, objetiva-se apontar a importância do uso da charge nas aulas de Língua Portuguesa.

As três charges foram retiradas de um jornal de grande circulação nacional: a Folha de São Paulo, do ano de 2007, especificamente, de 25 e 26 de março e 30 de dezembro. Como serão analisados textos verbo-visuais, ou seja, textos compostos de imagens e palavras, buscou-se em Pêcheux reflexões acerca da análise de textos com imagens:

A questão da imagem encontra assim a Análise do Discurso por um outro viés: não mais a linguagem legível na transparência porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória perdeu o trajeto da leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). (PÊCHEUX, 1995, p. 55 apud MAGALHÃES, 2006, p. 43).

Para desenvolver este estudo, texto será concebido como unidade de significação em relação à situação e discurso será compreendido como toda atividade comunicativa que implica a língua e sua exterioridade: o histórico, o social e o ideológico.

Outro conceito importante para este estudo diz respeito à leitura. Segundo Orlandi (1988, p. 8; 10) a leitura, na perspectiva discursiva, deve ser pensada como um ato de trabalho, que faz parte de um processo de instauração de sentidos com um sujeito-leitor que tem suas especificidades determinadas histórica e ideologicamente.

Para a autora “leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significante. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto.” Ela diz ainda que há modos de leitura que indicam diferentes formas de relação dos leitores com o texto como, por exemplo:

Relação do texto com o autor: o que o autor quis dizer? Relação do texto com outros textos: em que este texto difere de tal texto? Relação do texto como seu referente: o que o texto diz de x? Relação do texto com o leitor: o que você entendeu? Relação do texto com o para quem se lê (se for o professor). O que é mais significativo neste texto para o professor Z? o que significa X para o professor Z? (ORLANDI, 1988, p. 10)

¹ Contato: katia@fazu.br

Diante disso, considera-se necessário que o professor, responsável por desencadear o processo de leitura em sala de aula, tenha essa visão, pois por meio dela é possível instaurar a interação entre texto/aluno/professor/leitura..

Na perspectiva da Análise do Discurso, doravante AD, apoderar-se da palavra é um ato social com suas implicações como, por exemplo, os conflitos, as relações de poder, a constituição de identidade. “Todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação” (ORLANDI, 1988, p. 18)

O objeto de análise deste estudo é o gênero textual charge. Foram escolhidas três charges, retiradas do jornal diário Folha de São Paulo, veiculadas no ano de 2007. A escolha das charges nesse jornal deve-se ao fato de ser esse um dos jornais com maior circulação no país e de trazer, tradicionalmente, charges em seus cadernos. Na Folha de São Paulo, a charge mantém relação intertextual com outros textos nele veiculados.

Esse gênero textual², a charge, segundo Magalhães (2006, p. 54), é uma forma de registro crítico e opinativo da história imediata de um grupo social e o seu entendimento depende do conhecimento de mundo do leitor, de sua memória social, de suas leituras partilhadas. Na charge, que tem como característica principal o humor, há uma mistura do humor com o horror, pois além de informar acerca de fatos trágicos ou não, também opina sobre eles, usando a caricatura, que é a representação irônica e/ou cômica de pessoas ou fatos. Há um forte engajamento político, social, econômico, cultural por parte do chargista.

Conforme Travaglia (1990, p. 55), o humor é uma atividade com presença em todas as áreas da vida humana e com funções que ultrapassam o simples fazer rir. O humor pode ser visto como uma arma de denúncia, de revelação, de diferentes possibilidades de visão de mundo e de realidades culturais que nos rodeiam, desmontando, assim, falsos equilíbrios.

A charge normalmente segue a linha editorial do suporte de veiculação (jornal, revista, mídia eletrônica, televisiva), comungando com o pensamento exposto. Há, assim, um diálogo entre os textos do suporte e a charge.

O texto chárstico pode apresentar justaposição dos códigos verbais e visuais que se auxiliam, se complementam ou se contrapõem na busca da produção do sentido pretendido. Os caracteres gráficos extrapolam o campo linguístico e entram também no pictórico. (ROMUALDO, 2000, p. 28)

Este trabalho justifica-se por ser a charge um texto verbo-visual presente no nosso cotidiano e bastante atraente, pois trabalha com o humor agregado à informação e à crítica e que pode ser amplamente explorado em sala de aula como um recurso lúdico e crítico.

A seguir, serão apresentadas as considerações teóricas, a partir da visão da Análise do Discurso francesa e a análise do corpus, composto por três charges. Conclui-se o artigo com as considerações finais.

2. Fundamentação teórica

Este trabalho está ancorado nos fundamentos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, que tem como objeto de estudo o discurso. Segundo Fernandes (2007, p. 18-19), o discurso implica uma exterioridade à língua e está inserido no social, envolvendo questões que não são exclusivamente linguísticas, ou seja, encontram-se no discurso aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras, nos gestos, nas imagens. Esse autor afirma também que, integrante da noção de discurso, há a noção de sentido, entendida como efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução. Assim, ao analisar um discurso, estaremos interpretando os sujeitos em interlocução e produzindo sentidos. No discurso, a ideologia materializa-se pela linguagem em forma de texto, sendo o texto a unidade significativa desse discurso.

Para Orlandi (1999, p. 17; 193), no discurso, observa-se a relação entre a língua e a ideologia, ou seja, crenças, valores, estabelecidos em uma determinada sociedade. Diante disso, pode-se afirmar que a linguagem não é transparente e, não sendo transparente, a leitura é produzida, é construída. O leitor, ao ler, se constitui, se representa. Assim, a leitura é o momento crítico da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação, aquele em que seus interlocutores se identificam como interlocutores, desencadeando o processo de significação do texto. Dessa forma, o espaço da discursividade é gerado nessa interação (ORLANDI, 1997, p. 186).

Outro conceito importante para este estudo é o de condição de produção. Segundo Mussalim (2001, p. 137), as condições de produção estabelecem-se no que o sujeito pode/deve ou não dizer. Esse dizer partirá do lugar que o sujeito ocupa e ainda das representações que ele faz ao enunciar.

² Gênero textual, segundo Travaglia (2007, p. 104) é caracterizado por ter uma função sócio-comunicativa específica. Os gêneros representam um pré-acordo sobre como agir na sociedade.

Serão utilizados neste estudo mais dois conceitos fundamentais da Análise do Discurso: formação ideológica e formação discursiva.

De acordo com Brandão (1995, p. 38; 39), o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza. Ela afirma também que a formação ideológica “constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras”.

Quanto à formação discursiva, Fernandes (2007, p. 64) diz que ela refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, concordando ou não acerca dos sentidos das palavras. Ela é “a possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações”.

Na formação discursiva, há incompletude de sentidos que, segundo Orlandi (1997, p. 194), se estabelece na relação do discurso com a exterioridade, ou seja, na multiplicidade de sentidos instaurados na interlocução. Nessa incompletude, apresenta-se toda espécie de implícito. Entre as espécies, há a intertextualidade. Sabe-se que um texto tem relação com outros textos nos quais ele nasce, e outros para os quais ele aponta. A intertextualidade nos remete ao dialogismo de Bakhtin. Barros (1991, p. 19) mostra que o dialogismo é entendido como uma interação verbal entre o enunciador e o enunciatário dentro do próprio texto. É o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro no texto.

Além das considerações a respeito dos conceitos estabelecidos pela Análise do Discurso, é importante também para esta pesquisa uma visão geral sobre charge, já que ela será objeto de nossa análise.

Segundo Romualdo (2000, p. 5; 22), a charge é um tipo textual composto de imagens e /ou palavras, com os objetivos de transmitir múltiplas informações de forma condensada e, também, fazer críticas, usando constantemente o humor. A charge tem como característica focar uma determinada realidade, geralmente, política. Dessa forma, somente o leitor que conhece essa realidade poderá compreendê-la. Assim, ela é um texto visual desenhado, e, enquanto tal, possui algumas características comuns a todos os desenhos.

O caráter icônico³ da charge pode ser convertido a formas reduzidas, a elementos gráficos como pontos, linhas, cores e massas que assumem as mais variadas formas. Esses elementos são trabalhados manualmente pelo desenhista, e essa elaboração manual revela a intencionalidade do chargista.

Ainda para Romualdo (2000, p. 47;50), esse gênero textual tem relações intertextuais não só visuais, mas também verbais e que ele é, essencialmente, um texto polifônico, ou seja, constituído por várias vozes.

O leitor desse gênero textual, na concepção de Magalhães (2006, p. 191), deve ser um leitor atento, já que a história, a política e o humor se mesclam, manifestando a posição do chargista.

Como a charge não é um texto isolado, para compreender a informação, a opinião, o humor nela contidos, exige-se do sujeito-leitor uma leitura ampla dos fatos que aparecem no suporte (jornal, revista, internet) em que a charge é veiculada.

Assim, Brandão (1995, p. 53) postula que “ao enunciar, o locutor instaura um diálogo com o discurso do receptor na medida em que o concebe não como mero decodificador, mas como um elemento ativo, atribuindo-lhe, emprestando-lhe a imagem de um contradiscurso”.

A partir dessa fundamentação, passa-se à análise dos dados.

3. Análise do corpus

O material utilizado para a análise foi retirado do jornal Folha de São Paulo, do ano de 2007. Serão analisadas três charges, escolhidas de acordo com as possibilidades de leitura e com os fatos relevantes no período.

A primeira charge analisada foi de 25 de março de 2007.

³ Signos que estão em relação de semelhança com a realidade exterior apresentando a mesma propriedade que o objeto denotado.

Charge 1



Essa charge está inserida no período em que o Brasil recebeu a visita do Presidente da República dos Estados Unidos, George W. Bush, para discutir questões ligadas às tecnologias desenvolvidas pelo nosso país no setor sucroalcooleiro. A compreensão do texto somente ocorrerá caso o leitor tenha conhecimento de suas condições de produção: quem era Bush, o que os Estados Unidos representam na esfera econômica mundial, qual é a relação do Brasil com os Estados Unidos, qual é a importância do Brasil neste momento de preocupação mundial com o biocombustível. Segundo Mussalim (2001, p. 123), a Análise do Discurso considera como constitutivo do sentido o contexto histórico-social em que o texto é produzido.

Na imagem, pode-se observar os boias-frias (cortadores de cana), sentados no chão, no momento de suas refeições, em um espaço cercado pela cana-de-açúcar, que deverá ser cortada por eles. Eles aparecem em posição bem inferior à cana, metaforicamente, relacionado à posição que eles ocupam na sociedade em que vivem, alimentando-se com as mãos, deixando de utilizar uma tecnologia bastante comum e antiga na nossa sociedade: o garfo e a faca.

O título da charge revela a importância do nosso avanço tecnológico na área da produção a partir da cana-de-açúcar, pois o “mundo” está de olho na tecnologia que temos desenvolvido. Entretanto, a fala de um boia-fria surge rompendo com a ideia de sucesso abordada no título.

O paradoxo é instaurado com a sequência linguística reveladora: “_ Ah, fico meio encabulado em ter de comer com a mão diante de tanta gente”. Essa formação discursiva, que segundo Fernandes (2007, p. 64) refere-se ao que pode ser dito somente em determinada época e em determinado espaço social, revela uma situação absurda, entretanto rotineira, vivida pelos cortadores de cana-de-açúcar, no Brasil. É do conhecimento de todos quais são as condições em que esses trabalhadores exercem a sua profissão, ou seja, condições desumanas. É desconcertante declarar que o país tem tecnologia que pode ser exportada e, por outro lado, saber que muitos dos seus habitantes convivem com a miséria cotidianamente, não possuindo sequer talheres para alimentação. Esse desconforto somente ocorrerá caso o leitor identifique esse contexto e partilhe dessa história.

Além disso, o trabalhador que se encabula tem consciência de sua precária e rude condição: comer com as mãos diante de tantas pessoas. Esse dizer, segundo Mussalim (2001, p. 137), parte do lugar que o sujeito ocupa e ainda das representações que ele faz ao enunciar. Assim, os sujeitos enunciativos estão envolvidos em determinados discursos, que estão em determinados lugares histórico-sociais.

Para o sujeito leitor a compreensão da charge passa pelo interdiscurso que, de acordo com Orlandi (1999, p. 31), disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. É a memória discursiva que faz acionar leituras críticas, que concordam ou discordam dos fatos.

Percebe-se também que a relação do discurso com a exterioridade, conforme Orlandi (1991, p. 194) apresenta o texto em sua incompletude, isto é, em sua multiplicidade de sentidos. Assim, é possível que diferentes leitores façam diferentes leituras de acordo com a sua posição social, com os seus conhecimentos de mundo, com os seus interesses pessoais, com seus valores, suas crenças, sua formação ideológica.

Diferentes vozes perpassam por esse texto: vozes de indignação, de revolta, de desconforto, de vergonha, de indiferença, de comodismo.

Enfim, acreditamos que o chargista conseguiu atingir o propósito da charge que é, pelo humor, fazer uma contundente crítica à relação usineiros e trabalhadores e ainda uma crítica à indiferença da sociedade que diante de fatos como esses não se mobiliza pra tentar reverter a situação desses bioas-frias.

Charge 2



Observa-se nessa charge, veiculada na Folha de São Paulo do dia 26 de março de 2007, um resumo dos fatos ocorridos no Brasil, de situações catastróficas presentes no cotidiano de muitos brasileiros e que se arrastam há algum tempo. Esses fatos estão relacionados a violências oriundas de agressões, de assaltos, de sequestros, de assassinatos e, também, do desemprego.

Assim, a charge de Angeli aponta para essas graves questões que nos cercam.

O chefe da casa, como é visto o homem dentro de um sistema patriarcal, provedor da família, chega para o almoço ou jantar e encontra a família, provavelmente o esperando, com os pratos vazios e a mesa sem alimentos. As imagens mostram uma família pobre, composta por vários membros, mãe, filhos e cachorro. A cena aponta para um ambiente de pobreza, desânimo e tristeza. O senhor, chefe da casa, surge com uma notícia esperada por todos. Esse fato é marcado pela expressão linguística "Boas novas". Provavelmente ele já teria chegado outras vezes sem as boas novas. Na sequência do texto verbal há a reiteração do que ocorre no cotidiano, por meio de um arranjo de palavras cujo significado aparece em uma escala crescente: agredido, assaltado, sequestrado, violentado, metralhado, esquartejado e morto por bala perdida. A violência das ações encaminham-se em um sentido de acordo com os conhecimentos dessa sociedade: ser assaltado é pior que ser agredido, ser violentado é pior que ser sequestrado, e assim por diante.

O leitor, partilhando do conhecimento dessa situação, defronta-se com duas atitudes contraditórias, a de riso diante da cena caricaturada e a de horror diante do absurdo apresentado.

A expressão "boas novas" introduz o texto para revelar ao seu final que o "novo emprego" só será possível caso tragédias não ocorram. Percebe-se também que o último elemento da sequência – bala perdida – indica ser no momento um fato extremamente violento.

Depreende-se, então, pelo título "fim da miséria" que esse fim pode chegar não só pelo novo emprego, mas também pelas ações violentas a que todos estão submetidos no cotidiano, e a conquista do novo emprego depende da não ocorrência dessas ações. Esse discurso está presente na memória de todo cidadão, principalmente, daqueles que moram em grandes cidades e convivem com situações semelhantes.

Observa-se ainda a intertextualidade por meio de outros textos que dizem respeito à desigualdade social, à violência, à fome, à miséria, à impunidade, à injustiça. É possível ao mesmo tempo rir da charge de Angeli e se revoltar com a situação política, social, econômica do nosso país.

Essa charge comprova o que diz Fernandes (2007, p. 18) acerca do discurso, ou seja, que ele implica uma exterioridade à língua, pois ele está inserido no social, no histórico e para que a leitura possa gerar efeitos de sentidos é necessário que o leitor esteja atento a todos os elementos que compõem a charge e partilhe das informações a respeito do assunto.

Charge 3



A última charge analisada foi veiculada em 30 de dezembro de 2007. Ela tem como título “Balanço de 2007”. Fazer balanços ao final do ano é bastante comum no meio político, empresarial, pessoal. Espera-se que o resultado do balanço seja positivo, pelo menos em parte. No entanto, a charge vem contrariar o esperado, pois um grupo de homens olha para um bueiro e um deles pergunta: “E aquilo gosmento boiando ao lado da Educação?” O outro responde: “Bem, pelo cheiro, só pode ser o Sistema de Saúde.”

Para Romualdo (2000, p. 5), a charge tem como característica focar uma determinada realidade, geralmente política e polêmica e o leitor só a compreenderá se partilhar dessa realidade.

Assim, o leitor consciente da situação caótica da educação e principalmente da saúde em nosso país, depara-se com uma atitude paradoxal, a de achar graça e a de ficar indignado diante do que vê e lê. Outro conhecimento partilhado relaciona-se ao que se sabe a respeito do comprometimento de muitos políticos em relação a causas essenciais da população.

O chargista aponta para vários textos: a falta de execução de programas eficientes para educação e, sobretudo, para a saúde, por parte do governo; a forma inescrupulosa como os nossos políticos tratam setores fundamentais para a população brasileira, pois bueiro, algo gosmento e com cheiro, só pode ser comparado a uma situação extremamente desordenada, confusa, desestruturada que vai de encontro às reais necessidades da população que elegeu esses políticos.

Magalhães (2006, p. 19) afirma que a charge não é um texto isolado e para compreender a informação, a opinião e o humor nela contidos é necessário que o sujeito leitor esteja atento aos fatos correntes na nossa sociedade, acompanhando por meio de diferentes suportes (jornal, revista, internet) os últimos acontecimentos.

Realmente, o balanço feito pelos homens que avaliam o bueiro coincide com a situação atual vivida pelos brasileiros. Comparar um local apropriado a dejetos, lixo, mau-cheiro a setores essenciais à vida, vem corroborar à verdadeira condição em que se encontram os projetos e programas dos políticos brasileiros, voltados para a sua população.

Uma voz grita diante da situação: não é esse balanço que os brasileiros gostariam de fazer em um final de ano. Entretanto, os responsáveis por ele o fazem sem apontar perspectivas para reverter essa situação.

De forma irônica, o chargista revela o quadro atual de projetos e programas voltados para setores essenciais à população.

4. Considerações finais

As charges analisadas, que foram retiradas do jornal diário Folha de São Paulo, durante o ano de 2007, caracterizam-se por apresentar informações e opiniões, por meio de imagens caricaturadas e

expressões verbais (que podem aparecer ou não) tratadas com humor e muitas vezes com ironia. Estão presentes, nessas charges analisadas, recursos visuais, representados caricaturalmente, e recursos verbais.

Para compreender esse gênero textual, o leitor deve estar afinado aos textos a ele relacionados, já que ele é constituído por outros textos presentes no suporte onde é veiculado. Essa relação textual é o que chamamos de intertextualidade, característica importante das charges.

Outra característica da charge é a polifonia. Encontramos nas análises feitas diferentes vozes presentes nas leituras. Fazemos essa afirmação a partir da análise da charge 2. Nela, toda uma sociedade está chamando por “boas novas” que são traduzidas por emprego, alimentação, dignidade às famílias necessitadas e que a violência não venha impedir que essas famílias possam construir a sua felicidade.

Na última charge, de número 3, citamos a intertextualidade. Diferentes textos dialogam: textos que tratam dos direitos de uma população como educação e saúde, que devem ser respeitados por aqueles eleitos por essa população, e que têm o dever de cumprir as promessas em relação a esses direitos, entretanto não o fazem. Há também o texto que se refere à indiferença desses representantes, que de forma inescrupulosa, tratam a população ou os serviços essenciais a ela, como “lixo fétido”, depositado em bueiro.

Assim, na charge, a crítica pode aparecer de forma explícita ou pode exigir do leitor uma visão ampla acerca do assunto ou informações detalhadas que dizem respeito a ele. Dessa forma, ela pode ser considerada como uma manifestação comunicativa condensadora de múltiplas informações, e o seu significado assenta-se no cruzamento com outras produções textuais. Sua força está na pluralidade de visões.

Enfim, como diz Romualdo (2000, p. 197), a polifonia, o humor e a ambivalência da charge fazem com que ela afirme e negue, eleve e rebaixe ao mesmo tempo, possibilitando ao leitor uma reflexão sobre fatos e personagens, principalmente do mundo político, já que ela desnuda o que muitas vezes é ocultado por eles.

Acreditamos que a charge, como um gênero textual privilegiado por condensar múltiplas informações, apresentar opiniões e, ainda utilizar humor, deveria ser trabalhado com mais frequência nas aulas de leitura, pois por meio dela o professor poderá desencadear leituras ricas, plurais e interessantes, motivando seus alunos a lerem os textos que a origina ou são dela originados.

5. Referências

- BARROS, D. L. P. de. Dialogismo e enunciação. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, v. 5, 1990, Recife. **Anais...** Porto Alegre, [s.n.]. 1991.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1995.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2007.
- ANGELI. Charge. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 mar. 2007. Opinião, p. 2.
- ANGELI. Charge. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 mar. 2007. Opinião, p. 2.
- ANGELI. Charge. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 dez.. 2007. Opinião, p. 2.
- MAGALHÃES, A. P. **Sentido, história e memória em charges eletrônicas sobre o governo Lula: os domínios do interdiscurso**. 2006. 246 f. Dissertação (Mestrado em Letras) -- Universidade Estadual de Maringá, 2006. Disponível em: < <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/apmagalhaes.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2008.
- MUSSALIN Fernanda; BENTES Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá: Ed. da UEM, 2000.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. Campinas: pontes, 1988.
- _____. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.
- TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela Linguística. **Delta**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.
- _____. Típelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa Maria de Oliveira Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (org). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007. v. 2. p. 97-117.